



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

**VIDAS DE PAPEL
“SÁBADO” VS “CORREIO DA MANHÃ”**

Relatório de Estágio

David Godinho Miranda Botas

Mestrado em Design Editorial

Orientado por:
Doutora Maria João Bom Mendes dos Santos

Tomar/outubro/2019

Agradecimentos

Durante cinco anos, vivi e aprendi com muitas pessoas.

Aprendi com pessoas, pelas quais nutro um grande orgulho: a família e os amigos, aos quais me atrevo também a chamar família.

Gostava de começar por agradecer à empresa “*Cofina*”, o ter-me aceite como estagiário de uma das suas revistas, a “*Sábado*”. Esta foi a minha primeira experiência no mundo de trabalho e claro agradeço a todos os meus colegas da redação nomeadamente, ao Nuno, ao Daniel Neves, ao Tiago Dias, ao Ruben Dias e também às pessoas do “*Jornal de Negócios*”, a Rosa Castelo (kika) e a Sílvia, que me ajudaram e me integraram prontamente na equipa durante os dois últimos meses deste estágio. Agradeço também aos meus colegas do “*Correio da Manhã*”, e ao meu supervisor o Pedro Freire por ter acreditado em mim e me ter convidado para ficar durante mais três meses a trabalhar no jornal “*Correio da Manhã*”, no qual metade deste trabalho se baseia, e ao Nuno Costa por me ter dado inúmeros gráficos de audiências e tiragens.

Agradeço, igualmente, aos meus professores por me terem transmitido alguma da sua sabedoria, principalmente à minha orientadora, a Doutora Maria João Bom, pelo tempo que despendeu para que eu pudesse construir este trabalho e pelo conhecimento que me transmitiu. A sua orientação foi de extrema importância para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram neste percurso e me inculcaram a ideia de que se deve estudar e procurar ir sempre além das nossas possibilidades. À minha família que me acompanhou e me ajudou a lutar e aos meus amigos que me acompanharam neste percurso e me fizeram ver que acreditando que somos capazes, tudo é possível, porque não há ninguém que saiba tudo, mas também não há ninguém que não saiba nada.

Resumo

O presente relatório teve como ponto de partida uma experiência de estágio, que teve a duração de seis meses, e um trabalho efetivo de três meses e meio, ambos no grupo de comunicação “*Cofina media*”.

No presente relatório reflete-se sobre a forma como funcionam uma revista e um jornal diário, ou seja sobre a forma como funcionam estes dois meios de comunicação distintos. O ensaio está dividido em duas partes distintas, uma relacionada com a experiência de estágio, e outra onde se analisa uma revista e um jornal e, onde se contrapõe a diferença entre estes dois meios de comunicação.

Palavras chave: Sábado, Correio da Manhã, design editorial, design gráfico

Abstract

This report had as starting point an internship experience, which lasted six months, and an effective work of three and a half months, both in the “Cofina media” communication group.

This report reflects on how a magazine and daily newspaper work, i.e. how these two distinct media work. The essay is divided into two distinct parts, one related to the internship experience, and the other where a magazine and a newspaper are analyzed and where the difference between these two media is opposed.

Keywords: *Saturday magazine, Morning Mail newspaper, editorial design, graphic design*

ÍNDICE

3	Agradecimentos
5	Resumo
6	Abstract
10	Introdução
12	Parte 1A – Os Caminhos da “Sábado”
22	Parte 1B – Os Caminhos do “Jornal de Negócios”
32	Parte 2 – Vidas de papel “Sábado vs Correio da manhã”
34	Sábado, durante a semana!
34	Análise da revista
35	Impacto das capas no leitor
37	Logótipo “Sábado”
38	Miolo
39	Jornal o que é?
39	“Vestindo” o jornal “Correio da manhã”
39	História do “Correio da manhã” (CM)
40	Análise do “Correio da manhã” – Dimensão
40	Impacto das capas no leitor
43	Logótipo CM
44	Miolo
46	Parte 3 – Revista vs Jornal “Sábado vs Correio da manhã”
46	Revista
47	Jornal
49	Formato e transporte
50	Assuntos
50	Tempo
51	Capas
51	Validade
52	Público Alvo
52	Design e layout
52	Preço
53	A importância da fotografia nas revistas e jornais
58	A importância das ilustrações nas revistas e jornais
61	A importância das cores nas revistas e jornais
63	Audiências e Tiragens
68	Conclusão
69	Bibliografia
70	Webgrafia

ÍNDICE DE FIGURAS

Parte 1 – Os Caminhos da “Sábado”

19	Fig. 1
19	Fig. 2
19	Fig. 3
20	Fig. 4
21	Fig. 5
24	Fig. 6 (A e B)
25	Fig. 7 (A e B)
26	Fig. 8

Parte 2 – Vidas de papel “Sábado vs Correio da manhã”

34	Fig. 9
35	Fig. 10
35	Fig. 11
36	Fig. 12
36	Fig. 13
36	Fig. 14
36	Fig. 15
37	Fig. 16
37	Fig. 17
37	Fig. 18
37	Fig. 19
37	Fig. 20
38	Fig. 21
39	Fig. 22
39	Fig. 23
39	Fig. 24
40	Fig. 25
41	Fig. 26
41	Fig. 27
41	Fig. 28
42	Fig. 29
43	Fig. 30
43	Fig. 31
43	Fig. 32
44	Fig. 33

Parte 3 – Revista vs Jornal “Sábado vs Correio da manhã”

47	Fig. 34
48	Fig. 35
48	Fig. 36
53	Fig. 37
54	Fig. 38
55	Fig. 39
56	Fig. 40
56	Fig. 41
56	Fig. 42
58	Fig. 43
58	Fig. 44
58	Fig. 45
59	Fig. 46
59	Fig. 47
59	Fig. 48
60	Fig. 49
60	Fig. 50
60	Fig. 51
61	Fig. 52
61	Fig. 53
62	Fig. 54
62	Fig. 55
62	Fig. 56
63	Fig. 57
64	Fig. 58
65	Fig. 59
65	Fig. 60
66	Fig. 61
66	Fig. 62
67	Fig. 63

Introdução

O objectivo deste relatório é pôr em prática os conhecimentos adquiridos no Mestrado em Design Editorial e o *know how* adquirido na “*Sábado*”, com vista à criação de um edifício teórico que aborde de forma sustentada a temática do Design Editorial.

O Relatório será composto por três partes distintas, uma relacionada com a vertente prática, isto é, com a experiência adquirida durante os seis meses de estágio na *Cofina*, e outra, mais conceptual onde, através da leitura e desconstrução da revista “*Sábado*” e do Jornal “*Correio da manhã*” procuro fazer uma reflexão sobre o papel do Design na indústria editorial.

VIDEAS PAPEL

1

1A. Os Caminhos da "SÁBADO"

A bordo de uma nova aventura

O dia em que se abriram para mim as portas da "Sábado", revista que pertence à empresa "Cofina media", foi a 15 de Outubro. Por volta das 10.00h da manhã estava à porta a contemplar o edifício e a "arregaçar as mangas" cheio de vontade, e, ao mesmo tempo, aterrorizado!!!

Assim que cheguei dirigiram-me aos recursos humanos onde tive de assinar alguns documentos que finalmente me permitiriam ter efetivamente acesso à empresa.

Com as emoções oscilantes, conduziram-me ao 2.º piso, a "redação", onde conheci Pedro Freire, o diretor, que, por sua vez, me dirigiu a um dos responsáveis, um senhor chamado Nuno, que também me conduziu, para aumentar os meus "calafrios", ao Daniel Neves e ao Tiago Dias, que se revelaram depois os meus grandes mentores, – com "M" maiúsculo – durante o estágio.

No primeiro dia explicaram-me ainda como funcionavam os horários de trabalho e mostraram-me o "parque tecnológico", assinalando com orgulho os softwares gráficos que eram utilizados pela empresa na paginação e no tratamento de imagem da "Sábado". "Para mal dos meus pecados", percebi que os programas que utilizavam não tinham nada a ver com a "tecnologia de ponta" que tinha utilizado no Instituto Politécnico de Tomar. Em vez do "Adobe Indesign", utilizavam o "Quark X-press", programa que nunca tinha usado." Habitado ainda a utilizar o "Photoshop cc 2018" e a última versão do "Illustrator", fui obrigado a voltar à "pré-história", ao "Photoshop" e ao "Illustrator cs4". Para complicar, estes estavam ainda conectados ao programa "Millenium", que nunca tinha ouvido falar.

Deram-me, no entanto, algumas explicações sobre como utilizar este último que não conhecia, e rapidamente percebi a sua utilidade, uma vez que permitia que todos os departamentos

... a "arregaçar as mangas" cheio de vontade, e, ao mesmo tempo aterrorizado!!!

estivessem em conexão, e soubessem nestas “trocas e baldrocas” confesso que houve momentos em que me senti efetivamente como um caranguejo, “não a andar de lado mas para trás”.

Por outro lado, tive oportunidade de constatar logo no primeiro dia de trabalho, na medida em que a revista ia sofrendo alterações, as vantagens deste último programa. Surgiam novas publicidades, eram aumentadas e reduzidas o tamanho das mesmas, bem como dos artigos, e, tal estava acessível a todos. Constatei, também, no dia em que comecei que a revista começava na versão 0 e que, por volta das 15.00 horas já ia na versão 5.

O Daniel Neves disse-me, inclusivamente, que a revista já chegou em tempos à versão 14, o que também tive oportunidade de perceber que era um transtorno, porque as alterações obrigam a que se repagine em sequência, e a verificar páginas

***O que parece uma
tarefa sem aparente
fim à vista!! ...***

pares e ímpares. Digamos que tal, obriga novamente a verificar tudo ao pormenor. Ufa!! O que parece uma tarefa sem aparente fim à vista!!

Apercebi-me, igualmente, através do Daniel e do Tiago que é sistemático acontecerem uma série de problemas ao longo de um só dia, como, por exemplo, a informação ser muita para o espaço disponível na página, o que implica, nesse caso, que o texto seja cortado, e que, como tal, volte ao jornalista para que este diminua o número de palavras. O mesmo sucede com as imagens, que às vezes têm de voltar ao sector de tratamento de imagens, para serem escurecidas ou branqueadas de acordo com o texto que vai entrar.

Um dos aspectos que me causou algum desapontamento, – também tinha de haver algum!! – foi que enquanto frequentei o ano lectivo de mestrado, pude experimentar muitas coisas diferentes, desde paginação, a infografia, a tratamento de imagem. Com isso, sentia-me polivalente, porém, o que se verificou durante o estágio foi que me apercebi que as tarefas estavam divididas. Por exemplo, eu só fazia design e paginação, tal como o Daniel Neves, o Tiago Dias e a Mónica Velosa, depois existia o departamento de infografia, o de tratamento

VIDAS DE PAPEL

1

de imagem, existia, o que se pode chamar entre aspas, “uma especialização dos ofícios”.

Percebi também que ao longo do dia as páginas da revista vão sendo impressas a preto e branco, com o objectivo de verificar erros, que, ao serem detectados, são assinalados a vermelho com uma caneta, e que tanto podem ser de escrita, como de texto escondido.

E, à medida que as páginas vão sendo fechadas, isto é finalizadas, vão sendo enviadas para a gráfica para irem sendo impressas.

Digamos que foi um primeiro dia em cheio!!!

No 2.º dia comecei a sentir-me em casa, uma vez que o Dr. Pedro Freire, pediu ao gabinete de informática para começarem a programar o meu computador, com os meus dados e passwords, tanto para entrar no computador, como para o acesso às bases das páginas da revista “*Sábado*”. Uma vez que eu não sabia mexer no programa “*Quark-X-press*”, tive que iniciar uma nova aprendizagem e aos poucos fui aprendendo, até porque “saber não ocupa espaço!!!”

Bem, não comecei certamente pela página mais simpática!!

No 3.º dia, comecei por pedir ao gabinete de informática as passwords para “os meus espaços” no computador e contas, o que se chama pedir um “*helpdesk*”. Depois pedi acesso ao programa “*Millenium*” para ficar interligado com o computador dos meus colegas, não apenas designers, mas todos. E, por volta das 15.00 horas comecei a fazer a página do “*Obituário*” na versão IPAD da revista. Bem, não comecei certamente pela página mais simpática!!

Esta página é sempre ilustrada com uma infografia. O que fiz, foi começar por colocar a imagem, melhorar o texto e tirar *viúvas e órfãs*¹, apertar texto ou alargar, conforme o número de caracteres que coubessem na página, acertar as caixas de texto e de imagem, etc... E, depois fiz algumas partes de outra secção, mas basicamente o que fiz para o “*Obituário*”.

¹Viúvas e órfãs, são uma palavra ou linha muito curta no início ou no final de um parágrafo

No 4.º dia ainda não quiseram que fizesse o design das páginas da revista. Voltaram-me então a dar páginas de edições passadas, para repaginar com *layouts* diferentes, invertendo texto e imagem e vice-versa.

No fundo tentava perceber como encaixar todas as imagens e o texto na página, sendo criativo ao mesmo tempo. Pelo menos, era essa a minha intenção!!! Tentava paginar, para saber qual seria a forma mais eficaz e de maneira que a tivesse tudo bem distribuído entre imagem e texto, e que ficasse tudo equilibrado. Comecei por fazer a paginação de um artigo que ocupava quatro páginas, por forma também a habituar-me ao programa “*Quark-X-press*”, e a aprender a usar os atalhos do teclado, os “*shortcuts*”, e a habituar-me às ferramentas, no fundo para me habituar ao programa e aprender a trabalhar com ele. Mas ainda era tudo novidade!!!

No 5.º dia passou-se o mesmo que no dia anterior, isto é, repaginei páginas da edição 755 da revista, para me habituar a construir *layouts*, de acordo com as regras da revista.

No 6.º dia comecei por aprender a guardar ficheiros em *EPS*, e a colocar estes ficheiros na pasta das imagens em “alta resolução”. As imagens em “alta” são as imagens finalizadas, ou seja, que já foram tratadas pelo sector de Tratamento de Imagem.

A revista passa por muitos procedimentos na empresa “Cofina” ...

No meio de tantas páginas da revista, tantas imagens e textos e o estar a abrir e a fechar as páginas para paginar acontece regularmente, por

exemplo, ficar texto escondido, isto derivado às caixas de texto não estarem completamente abertas e o texto ultrapassar a caixa, ou imagens em baixa resolução que ainda não foram tratadas. O que se faz sempre é estar constantemente a imprimir as páginas da revista. Imprimindo e analisando a página às vezes torna-se mais fácil do que estar sempre a olhar para os ecrãs.

A revista passa por muitos procedimentos na empresa “*Cofina*”, porque existe a zona dos paginadores, dos infografistas, do tratamento de imagem, os revisores que revêm o texto para ver se não tem erros, ou se está texto escondido e então quando

há este tipo de erros, as páginas são levadas à zona dos paginadores, para que estes possam corrigir.

Depois de acertarmos os erros, enviamos para “última” como se diz na gíria. O enviar para “última” é voltar a imprimir a página e a entregar aos últimos revisores que veem se está tudo em condições. Se, assim tiver, eles voltam a mandar para os paginadores para que fechem as páginas, isto é, as finalizem e enviem para a gráfica.

No 8.º dia, 24 de outubro de 2018, uma quarta-feira, o dia anterior à saída da revista, que vai para as bancas à quinta-feira, disseram-me finalmente para fazer algumas páginas para a versão IPAD. Esta versão da revista é feita *à posteriori*, ou seja, depois de concluída a versão em papel. A versão digital é mais fácil e imediata de conceber, porque os *layouts* já estão pré-definidos, isto porque, existem páginas mestras iguais para todas as edições. A nível de texto é copiar o texto da versão em papel e colar na online. O grande cuidado deve ser depositado nas imagens e infografias, uma vez que no design da revista são utilizados inúmeras vezes recortes de imagens de pessoas e texto a contorná-las como mostra a imagem ao lado.

Depois de acertarmos os erros, enviamos para “última” como se diz na gíria...

Durante o tempo que estive na “Cofina” fiquei a maior parte das vezes encarregue de fazer a versão IPAD, mais do que propriamente as páginas da revista na versão papel. Confesso que às vezes me aborreci e enervei com o facto de estar sempre a fazer a mesma coisa e principalmente a versão online que era só copiar e colar, ou seja, não me agradava estar sempre a trabalhar a partir de *layouts* pré-definidos. Eu fui para lá convicto que ia desenhar páginas como fazia nas aulas.... Enfim!!! Ainda fiz algumas coisas nessa área, mas poucas. Uma pena!!! Trabalhava mais na versão IPAD, enquanto os meus colegas fechavam as páginas da revista em formato papel. Por sua vez, copiava o texto e as imagens das páginas já finalizadas da versão em papel e colava nas páginas da versão IPAD, que era eu quem a começava sempre.

Durante alguns meses o procedimento foi sempre este, e “aque-la sensação que tinha no início de que ia trabalhar para uma empresa de grande envergadura – “UAUU!!” –, tinha perdido agora a graça toda”. Mas, admito que ganhei mais experiência e com isso rapidez a trabalhar no programa “*Quark x-press*”, na medida em que às vezes vinham páginas da revisão com texto escondido ou imagens por tratar, que o Daniel, que sabia que eu conseguia resolver estes pequenos problemas, me deixava alinhar e acertar os erros que vinham da primeira revisão.

Nos “tempos mortos” que tínhamos, por exemplo, quando estávamos à espera que os jornalistas acabassem de escrever os textos e viessem as imagens do sector de tratamento, não podíamos adiantar nada porque não tínhamos “material” necessário para começar a paginar/maquetar. Nessas altura, por iniciativa própria e cheio de vontade de aprender paginava e idealizava um redesign do logótipo da “*Sábado*”. Ainda trabalhei um bom tempo nisso!!!

Outras vezes idealizava alternativas para as capas da secção GPS...

Outras vezes idealizava alternativas para as capas da secção *GPS*, que mostrava aos meus colegas para perceber se gostavam. Mas, claro eram apenas exercícios para passar tempo e fazer aquilo que gosto – design gráfico. Sempre

experimentava coisas novas ao mesmo tempo que me sentia mais “em casa” porque era isto que eu fazia nas aulas, redesenhava revistas e livros livremente, sem “amarras”, sem estar preso a *layouts*.

No dia 31 de janeiro e o resto dos dias íamos já na edição 771 da revista “*Sábado*”, quando algo diferente aconteceu: “Para tudo...” fiz algo diferente dos outros dias todos em que lá estive.

O Nuno recebeu um email, com informação para colocar na revista um artigo sobre o Alentejo, que continha alcunhas próprias da terra, como: “Pouca Roupa”, “Cebola Banha”, “Pica-Milho”, “Tira-Picos”, “Ai-Ai”, e “Pé-curto”, e este lançou-me o desafio de pegar nestes nomes e fazer o design do artigo, uma pequena brincadeira tipográfica.

Como anteriormente referi, eu sou um aficionado por design gráfico e pensei: “Finalmente mandam-me fazer algo di-

VIDAS DE PAPEL

1

ferente”. Como é óbvio aceitei o desafio com grande entusiasmo, abri o “*Illustrator*” e comecei a minha tarefa.

Ao longo do dia fui fazendo o design dos nomes de maneiras diferentes, mas apenas um me agradava. Pensei: “Humm... falta qualquer coisa, ainda não estou a gostar disto...”.

No final do dia ainda não tinha concluído este desafio, e o Nuno perguntou-me se já tinha acabado. Respondi-lhe que um dos nomes estava concluído, mas que os outros ainda não estavam feitos. Foi então que ele me disse “então pensa e amanhã conclus”. O que tinha feito até então pode ser observado na figura. 1.

É a minha oportunidade de lhes mostrar o que sei fazer como designer gráfico...

Vim para casa a pensar “mas que raio!!! como é que eu vou fazer isto de modo a que eu e eles gostem...!! É a minha oportunidade de lhes mostrar o que sei fazer como designer gráfico”. E, no dia a seguir, com a ajuda do meu inspirado colega Ruben, que era um dos infografistas, idealizei outras coisas, com as quais fiquei mais satisfeito e comecei a paginar o artigo. “Pronto agora é que foi, já sei o que vou fazer, só espero que fique como estou a idealizar!!!” (Fig. 2)

No final somei as novas ideias à inicial que tinha gostado, a relativa à expressão “Pouca Roupa” e depois de estar concluído, gostei da solução. O artigo estava finalmente pronto para ser produzido e impresso!!

Mostrei de seguida ao Nuno, e tanto ele como o resto da equipa gostaram bastante. Apenas foi efectuada uma pequena alteração, a nível de cores por parte do próprio Nuno, mas, de resto, estava ótimo e finalmente ia publicar o design que tinha feito na revista. (Fig. 3)

Relembrando o que senti quando me pediram para paginar este artigo, diria que foi um momento de júbilo, em que pensei, “ganhei o dia!!, vou ter uma peça de design gráfico feita por mim, que vai sair na revista “*Sábado*” para Portugal inteiro ver: Não pode ser... a sério??? Isto era o melhor que me podia acontecer!!!”. E, aconteceu. A partir daí só desejava que até ao final do estágio me dessem mais exercícios destes.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

VIDAS DE PAPEL

1

Design na edição 771, feito por David Miranda

6 AGOSTO 2008
SÁBADO - www.sabado.pt

HISTÓRIA. AS PROFISSÕES, AS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS OU OS COMPORTAMENTOS FORAM A INSPIRAÇÃO PARA OS NOVOS NOMES

CARRAPATO É APELIDO E ZAROLHO TAMBÉM

Há vários sobrenomes bizarros que surgiram, pelo menos, há mais de 100 anos e que são comuns no Alentejo. Começaram como alcunhas e passaram de pais para filhos. Por Susana Lácio

Ler uma ata da Câmara Municipal de Évora com os nomes dos candidatos a um concurso público, numa lista de 14 páginas, tem tudo para ser uma tarefa aborrecida. Mas o leitor rapidamente é substituído por estranheza quando se lê alguns dos nomes. Antonia Ponca Roupa, Daniel Al-Ai-Vera Feres, Estrela Pécuro. Como terão surgido apelidos tão bizarros? A pergunta já foi respondida. Aliás, há toda uma ciência que estuda os nomes e que explica como apareceram os apelidos, a antroponímia. Mais também há livros escritos sobre a questão, em particular a forma como surgiram os sobrenomes alentejanos. Carlos Pécuro é um deles, mas não se incomoda com o apelido que vem da expressão pé curto. Quem terá sido o primeiro na família com pés pequenos, não se sabe. "Há vários Pécuro no Alentejo", diz a SÁBADO o proprietário da Agência Funerária Pécuro, em Borba. "O apelido é do meu avô materno, mas não faço ideia como surgiu."

Então foi assim, na Idade Média os portugueses eram batizados com o nome próprio, seguido pela indicação de quem era o pai. Os mais populares eram João para os homens e Maria para as mulheres, por influência religiosa. Mas por causa disso, os sobrenomes também não divergiam. Eanes, Ane e Joanes, que significavam filho de João, totalizavam 16% dos sobrenomes segundo uma inquirição ordenada pelo Rei D. Fernando em 1375 e 1376 para o registo de bens régios existentes nos concelhos de Castro Verde, Almodôvar e Padrões, de acordo com o estudo *Nomes e Ser Nomeado na Idade Média. Estudo de Antroponímia Alentejana Me-*



dieval, dos historiadores Diogo Vivas e André Oliveira Leitão. O número de pessoas com o mesmo nome dificultava a tarefa de distinguir um João Eanes de outro e a solução foi simples: juntar uma alcunha. Estas podiam descrever a profissão (Mestre, Sapateiro, Cavaleiro), a localidade de onde provinham (Bragança, Braga) ou as características físicas ou comportamentais (Calvo, Manso, Crespo, Coe-

lho, Raposo). "Alcunhas, nomes de cargos ou profissões e indicativos de origem ou morada foram denominações começadas a atribuir, no verdadeiro sentido da palavra, mas que, a pouco e pouco, foram perdendo o seu conteúdo e passaram a ser transmitidas de geração em geração", explica a historiadora Maria Leonor Silva Santos no artigo *A onomástica, o indivíduo e o grupo*, na revista de história *Arquipélogo*.

Explicação nas tascas
No Alentejo, surgiram talvez os nomes mais estranhos. "Dar alcunhas não é uma coisa alentejana, aconteceu noutras regiões. Mas no Alentejo existem as mais peculiares, sobretudo as de natureza comportamental", diz a SÁBADO o sociólogo Carlos Alberto da Silva, professor na Universidade de Évora e coautor do livro *Tratado das Alcunhas Alentejanas*.

Durante sete anos, Carlos e o antropólogo Francisco Martins Ramos (que morreu no ano passado) visitaram cidades e aldeias alentejanas para compilarem todas as alcunhas da região. "Fomos para as tascas ao fim da tarde, onde estavam sobretudo homens que, à frente de dois copl-

"JÁMOS PARA AS TASCAS AO FIM DA TARDE, ONDE OS HOMENS CONTAVAM A HISTÓRIA DE UMA ALCUNHA"

Alcunhas centenárias
No século XIV, há registo de centenas de nomes descritivos

Olho de Milho, Fura Matos ou Cão são algumas das alcunhas jocosas registadas nas inquirições Fernandinas, do século XIV. Também há as do **tipo onomatopéico** como Chim Chim e Muxom. As mulheres recebiam poucas alcunhas e eram sobretudo positivas: Balladeira, Formosinha, Mãos Boas, Sem Mal, Virtude e Flores.

939 apelidos que evoluíram de alcunhas, como Zarolho, Pirocas, Mauzinho e Pão Moio, foram compilados no *Tratado das Alcunhas Alentejanas*

inhos, contavam a história de como tinham surgido algumas alcunhas", recorda Carlos Alberto da Silva. "Depois consultávamos os registos paroquiais para garantir que as alcunhas não eram de pessoas que tivessem vindo de outras partes do País para o Alentejo."

No tratado enumeram uma lista por ordem alfabética que ocupa 479 páginas. "Recolhemos o triplo das publicadas, mas não foram incluídas porque não as conseguimos confirmar nos registos paroquiais."

Há de tudo, do *Kicha Agulhas*, alguém que tem o hábito de caminhar a olhar para o chão, passando pelo Caralhães, alguém que corre a prostitutas, até ao *Milado*, indivíduo bêbado que não chegava a tempo à casa de banho. Só a lista das alcunhas que começam com a palavra Caga - Caga a Forca, Caga e Dorme, Caga no Telhado, por exemplo - ocupa quatro páginas. "As alcunhas servem primeiro para identificar, funcionam como elementos de etiquetagem", explica Carlos Alberto da Silva. Isto porque

nas aldeias pequenas quase todos os habitantes são parentes. "Mas também são um instrumento de controlo social."

A criatividade deve-se ao tamanho da região, 27 mil quilómetros quadrados de área, povoada por pequenas comunidades. "As alcunhas acabam também por trabalhar a aproximação social", garante o sociólogo. Até à pessoa que se inventa, "alguém considerado na comunidade também tem uma, é o Registo Civil".

Com o passar dos anos, algumas alcunhas foram aceites pelos próprios e foram passadas de pais para filhos. "Quando o registo civil foi decretado obrigatório, na Primeira República [1910], muitas alcunhas passaram a apelidos." É o caso de Pécuro, alguém que tem os pés pequenos e é de estatura pequena, ou Pica-Milho, "uma pessoa que está sempre a comer, mas também pode ser alguém que tem o nariz grande", explica o sociólogo.

Há Tira-Picos surgiu para designar o indivíduo que tinha jeito em remover espinhos das mãos dos outros na altura da ceifa. Há apelidos que parecem ofensivos, como Feres, mas que na verdade não são. O resultado final do aparelho digestivo é também uma expressão alentejana que significa preocupações. Entre os apelidos mais bizarros enumerados no *Tratado das Alcunhas Alentejanas* há ainda Al-Ai, Babaruco, Bicho, Burrica, Carrapato, Ceroula, Mau Homem, Ricos Homens e Tim Tim. Mas a arte está a morrer. "A vida urbana pulverizou as relações sociais e não permite o surgimento de alcunhas", diz Carlos Alberto da Silva. "Hoje procuram-se adereços, como os memes da Internet, onde nem sempre é reconhecida a identidade." □

Fig. 4
(páginas n.º 80 e 81 da edição 771, *Sábado*)



Fig. 5
(Capa da edição 771, *Sábado*)

VIDAS DE PAPEL

1

1B. Os Caminhos do Jornal de Negócios

A aventura continua

No dia 14 de Fevereiro de 2019 recebi uma proposta do meu supervisor Pedro Freire, que me comunicou que uma senhora que trabalhava no “*Jornal de Negócios*”, que pertence à mesma empresa que a “*Sábado*”, estava de baixa. Estavam a precisar de apoio porque estavam apenas duas pessoas a trabalhar no jornal, e, como tal, o meu supervisor pediu-me se eu podia ficar até ao final do estágio a trabalhar no “*Jornal de Negócios*”.

Aceitei de imediato e pensei: “grande desafio!!”, porque acabaria o estágio com experiência de trabalho em design de revista e de jornal.

E, esta foi mais uma enorme oportunidade que tive na “*Cofina Media!*”

No dia 18 de fevereiro de 2019, o primeiro no “*Jornal de Negócios*” pensei: “ui!! vamos lá ver como é que isto agora funciona!!!”. Comecei então por analisar a estrutura e as secções do jornal, os tipos de letras usados, as colunas e linhas de texto de texto, isto é, o *modus operandi* gráfico da publicação.

Entretanto tive direito a uma breve explicação por parte de Rosa Castelo, sobre como o Jornal funcionava, horários, fecho etc... Rosa Castelo é uma das funcionárias, e é conhecida por todos como “Kika”.

O meu horário sofreu então alterações. Na “*Sábado*” entrava às 11:00h e saía por volta das 18:00h, e passava agora a entrar às 15:00h e a sair por volta das 22:00h.

O “*Jornal de Negócios*”, é um jornal diário que sai de segunda a sexta-feira. Como tal, tive que abandonar velhos hábitos, como analisar meticulosamente os pequenos erros de design, como as *órfãs* e as *viúvas*, fazer com rigor o design das ilustrações, uma vez que não existia tempo. Ao aperceber-me disto, disse para mim mesmo: “o quê que se está aqui a passar, não estou habituado a este ritmo!! Isto é uma verdadeira correria!!”. Na revista “*Sábado*”, uma vez que tinha uma periodicidade

**...não estou habituado
a este ritmo!!
Isto é uma
verdadeira correria!!**

dade semanal, havia tempo para averiguar todas estas coisas, e sair à hora certa, enquanto aqui tinha de sair muitas vezes depois do expediente normal.

Nesse dia maquetizei uma página do jornal, um pequeno teste para me ir habituando às novas regras, por sinal, bastante diferentes.

Entretanto imprimir páginas com fotografias e enviá-las para o tratamento de imagem, que assim que as finalizou as reenviou para a nossa secção, a de paginação. Coloquei-as depois na página que estava a maquetizar, com os respectivos créditos (identificação da autoria da fotografia), e depois, com uma opção que existe no “*Quark-X-Press*”, assinalei as imagens como “fixadas”, isto é, prontas e finalizadas.

Reparei que na revista, os jornalistas escrevem diretamente nas páginas, mas existem ocasiões em que os paginadores recebem algumas informações por mail com elementos que

**...maquetizei uma
página do jornal,
um pequeno teste...**

têm que colocar nessas mesmas páginas e que os jornalistas não tinham incluído. Tal, acontece em ocasiões específicas, como, por exemplo, quando existe uma “página dupla” onde é preciso colocar frases em tamanho grande.

No jornal é ligeiramente parecido. Embora os computadores estejam também interligados através do “*Millenium*”, os paginadores constroem as páginas e as caixas para as imagens, e os jornalistas escrevem diretamente dentro dessas mesmas páginas pré-definidas. Já não existe o hábito ou prática de receber informações por mail.

Percebi também que os jornalistas enquanto redigirem os seus textos é impossível ao sector de paginação aceder aos mesmos e fazer alterações. Apenas, quando estes acabam nos é permitido alterar as caixas de texto, ou seja, redimensionar as caixas em função do tamanho do texto. Através de alguns comandos do teclado como, por exemplo, o “ctrl+E” conseguimos ver os *outlines* das páginas, que se apresentam por cores. Estas cores ilustram os vários sectores que trabalham nas páginas, se se trata de paginadores ou jornalistas, e também nos informam sobre quando os textos estão a ser escritos, se já passaram pela revisão e se já estão prontos.

VIDAS PAPEL

1

As cores utilizadas são:

Rosa – indica que alguém está a escrever ou mexer no texto;

Verde claro - Indica que o jornalista ainda está a trabalhar no texto

Verde Escuro - Indica que o jornalista já terminou de trabalhar no texto e que falta o editor ver;

Azul – Indica que o editor já viu o texto e que está pronto para a revisão;

Amarelo – Indica que o revisor já viu o texto e que está fechado



Fig. 6A

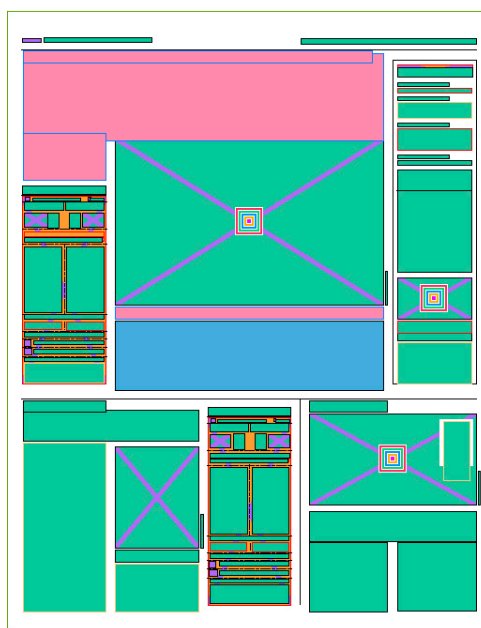


Fig. 6B

Na figura n.º 6A percebe-se que o título “Sadinos seguem sem triunfos”, ainda estava a ser escrito pelos jornalistas, porque na figura 6B está a cor de rosa.

Já o exemplo seguinte, com o título “Renato Sanches Ruma ao Lille”, figura 7A, a página apresenta-se do lado direito com as cores de finalizada, figura 7B, pronta para ser fechada porque se apresenta a amarelo.



Fig. 7A

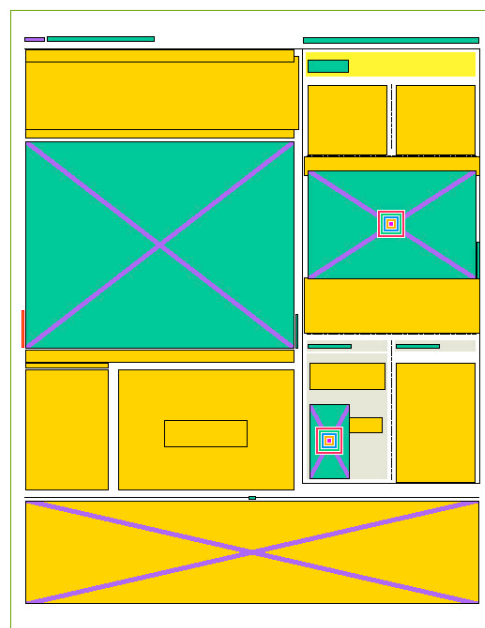


Fig. 7B

No dia 25 de fevereiro, continuei a mandar imagens para o sector de tratamento de imagem, colocando-as depois, quando reenviadas, em alta na página.

Outra das muitas diferenças que me apercebi nesse dia, existentes entre a “Sábado” e o “Jornal de Negócios” foi o desperdício de papel. A revista tem um desperdício enorme de folhas, porque imprime em A3 e A4 tanto a preto e branco como a cores, várias páginas e às vezes repetidamente para visualizar erros e até fechar. O “Jornal de Negócios”, por outro lado, imprime sempre em A4 e apenas a preto e branco, e apenas para enviar instruções ao sector de tratamento de imagem.

VIDEAS PAPEL

1

No dia 26 de Fevereiro, construí finalmente quatro páginas para o jornal (edição 3943) e coloquei alguns destaques e citações. Finalmente a fazer design!!!

Aprendi também a acertar as colunas da secção “Mercados” e num pequeno “tempo morto” que tive, fiz, no programa “Illustrator”, um pequeno design tipográfico para um título de um artigo do jornal intitulado “Quem quer o petróleo da Venezuela”. Um pequeno exercício que me deu imenso gozo!! (Fig. 8)



Fig. 8

O dia 28 de Fevereiro, foi o dia mais trabalhoso e cansativo do meu estúdio. Confesso que fiquei cansado!!! para além de fazer o jornal, pôr as imagens em alta, fazer alterações nas páginas, como destaques, citações etc., tivemos de fazer o “Weekend”, um suplemento que sai à sexta-feira com o jornal.

Nesse dia descobri também que o “Jornal de Negócios” tem três suplementos semanais o “IP” (Investidor Privado), o “LEX” e o “Weekend”, que saem com o jornal, e ainda uma revista mensal de moda masculina a “MUST”, que sai também com o Jornal no final de cada mês.

O primeiro suplemento da semana é o “IP” (Investidor Privado), que sai às segundas-feiras. Trata-se de uma entrevista ilustrada, que aborda diversos assuntos em profundidade, como créditos, poupanças, investimentos, informações sobre a bolsa, finanças, etc.

O segundo suplemento, como referido, é o “LEX”, que sai à quinta-feira, e que consiste numa pequena entrevista ilustrada com fotografias, onde são abordados assuntos como leis, advogados, e outros.

O terceiro suplemento é o “*Weekend*”, que sai à sexta-feira, e que fala sobre cultura e lazer.

Existe ainda um quarto suplemento que é o “*Negócios é Portugal*”, que fala sobre os diferentes concelhos do país, como, por exemplo, sobre a cidade de Tomar, acerca das suas empresas, doces típicos, incluindo inclusivamente entrevistas ao presidentes das diferentes câmaras desses mesmos concelhos. Este suplemento é anual e vai ter dez edições.

No final de cada mês, sai dentro do jornal a revista “*MUST*”, como mencionado, uma revista de moda masculina, que funciona basicamente como se fosse um quinto suplemento, mas cujo design não é feito por nós.

Nesse mesmo dia as minhas colegas de trabalho pediram ao meu supervisor, o Pedro Freire, o meu acesso ao “*Backoffice*” do jornal. O “*Backoffice*” é o “*Jornal Negócios*” on-line. A intenção deste pedido era permitir-me ajudar não só a fazer a versão em papel do jornal como também a fazer a versão on-line.

A partir deste dia, o fluxo de trabalho aumentou para mim... E de que maneira!!

Apercebi-me também, que a experiência no jornal, em particular por ser diário, não permitia tantos “tempos mortos” como tinha na revista “*Sábado*”. O ritmo era agora outro e muito stressante, principalmente na hora de enviar para a gráfica, a chamada hora de fecho.

Tive dias de algum stress, um nervoso que era generalizado e que eu sentia também nas minhas colegas,

Tive dias de algum stress, um nervoso que era generalizado e que eu sentia também nas minhas colegas

uma vez que os designers dependem um pouco dos jornalistas, que tanto podem ser rápidos ou não a escrever os seus artigos. Há situações em que os jornalistas enviam os textos quase à hora de fecho, o que causa muito “nervoso miudinho!!”.

Ao fim de um mês de trabalho no “*Jornal de Negócios*”, ouve um dia que o Pedro Freire chamou os funcionários do jornal e das revistas, e informou que era necessário mudar a hora de fecho para mais cedo, porque estava a ser demasiado tardia. Era necessário tempo para enviar para a gráfica com a folga necessária, por forma a que estes confirmassem se estava tudo

VIDEAS PAPEL

1

bem, a nível de cores, dos tamanhos das letras, entre outras coisas, pois havia que elevar a qualidade do material impresso.

Até a gráfica poder imprimir, e antes, analisar e informar a “Cofina” se está tudo em condições, leva algum tempo, aproximadamente 20 minutos. Se o jornal fechar tarde, a gráfica acaba por imprimir mais tarde e colocar também mais tarde nos distribuidores.

Implementaram-se os novos horários e o primeiro dia foi à experiência para ver como as pessoas da redação reagiam.

O objectivo era fechar até às 20:30-21:00 horas, e acabar com os fechos por volta 22:30-23:00 horas da noite.

O primeiro dia correu até mais ou menos bem, mas no segundo já não tivemos tanta sorte. Com a pressão da gráfica, acabámos por fazer algumas asneiras no jornal, como, por exemplo, enviar para a gráfica os créditos dos fotógrafos com texto improvisado, e uma vez que as páginas mestras já têm a data da edição predefinida, cada vez que paginamos temos de alterar a data para coincidir com a edição que estamos a trabalhar, e neste caso esquecemo-nos de alterar a data, mas com sorte conseguimos raspar antes de ir para as bancas. “Era uma confusão os jornais irem para as bancas com a data do ano passado 2018!! Ufa, do que nos livrámos!!”

Nos dias seguintes o novo horário já começou a acentar bem.

Para além de paginar algumas páginas, enviar fotografias para o tratamento de imagem e colocá-las na edição... nos últimos dias do estágio fiquei também responsável por fazer o “Backoffice” do “Jornal Negócios”, basicamente copiar os artigos e notícias do formato papel e colocá-los na plataforma on-line.

Finalmente chegou o último dia. “UFAA!! neste dia fiz um pouco de tudo!!” Comecei por fazer *download* de todo os materiais que consegui arranjar, entre aqueles que tinha feito, e que constavam do meu computador. E, desliguei o meu computador com a edição 3976 fechada tanto em papel como on-line. A seguir passei às des-

Finalmente chegou o último dia. “UFAA!! neste dia fiz um pouco de tudo!!” ...

pedidas, que foram difíceis porque encontrei um ambiente solidário, onde o espírito de ajuda predominava. E, muito me ajudaram os meus colegas!! Despedi-me do Daniel, do Tiago e do Nuno, da “*Sábado*”, bem como dos meus colegas do “*Jornal de Negócios*”, a kika, a Sílvia e o Pedro, e até me despedi de alguns colegas que trabalhavam no “*Correio da manhã*”. Saí da redação, desci o elevador com a sensação de que “o meu trabalho estava feito e até um dia”.

Cheguei ao piso térreo e entreguei o meu cartão de estagiário ao segurança e vim embora para apanhar o primeiro comboio para Tomar.

NOTA

Na construção deste trabalho, utilizam-se como referência as teses de Ruben Sarmiento “*SÁBADO: Forma e conteúdo*”, e de Andreia Duarte “*Correio da manhã: A realidade de um jornal diário sensacionalista*”, entre outros documentos mencionados na bibliografia.

2. Vidas de papel

Sábado vs Correio da manhã

No âmbito do segundo ano do Mestrado em Design Editorial, era necessário optar entre Estágio, Projeto ou dissertação. A opção escolhida foi a de Estágio, neste caso específico, no grupo “*Cofina Media*”, uma editora fundada em 1995, que se dedica principalmente aos media, com sede na rua Luciana Stegagno Picchio, n.º 1549-023, Lisboa.

A “*Cofina Media*” possui vários jornais como o “*Correio da manhã*”, o “*Record*”, o “*Destak*”, o “*Mundo Universitário*” e o “*Jornal de Negócios*” e algumas revistas como a “*Máxima*”, a “*TVguia*”, a “*Flash*” e a “*Sábado*”, e tem também um canal de televisão o “*Correio da manhã TV (CMtv)*”.

Durante os seis meses de estágio, estive quatro meses na revista “*Sábado*” e os restantes no “*Jornal de Negócios*”, e quando acabei o estágio convidaram-me para trabalhar no jornal “*Correio da manhã*”, para fazer as férias de Verão de alguns trabalhadores.

Durante o tempo de estágio, tive oportunidade de ver e sentir como é realmente o mundo do trabalho, os problemas e as situações pelas quais os designers/criativos passam no mundo editorial. Consegui também experienciar como se trabalha numa revista e num jornal, e percebi que, por muito que o objetivo de ambos os meios de comunicação seja informar os leitores sobre notícias do dia a dia, as maneiras de o fazer são muito diferentes.

2.1 A Vida em Papel

2.1.1. Revista, o que é?

A revista como nós hoje a conhecemos, surge no séc. XVII, mas antes do seu aparecimento já circulavam folhas volantes ou *flyers*, como é corrente dizer atualmente, com notícias.

É uma das mais antigas formas de comunicação impressa, e tem periodicidade semanal, quinzenal ou mensal.

De modo geral uma revista contém histórias, poemas, ficção, receitas, imagens, infografias, desenhos, ilustrações, fotografias entre outras. E, existem revistas mais dirigidas para o público feminino, outras para o masculino e, algumas, são dirigidas a diferentes idades, mas na sua maioria são direcionadas ao público em geral.

A revista é o resultado da invenção de Gutenberg, que veio revolucionar a forma como se faziam as publicações, uma vez que deixaram de ser produzidos à mão a passaram a ser concebidas de forma massiva, utilizando uma prensa e os chamados caracteres móveis (que continham “símbolos gráficos”, como letras, pontuação, numerais).

Na realidade, a imprensa veio ajudar a libertar o homem dos grilhões da ignorância e da superstição que caracterizaram o período medieval.

No princípio do século XVI, os efeitos provocados por esta invenção eram gigantes, e foi também nesta altura que se começam a popularizar os panfletos críticos do reformista *Martinho Lutero*, que iriam dar origem à Contrarreforma.

No século XXI, já não se utilizam prensas tipográficas, uma vez que apareceram inúmeros processos tecnológicos que permitem imprimir revistas de forma muito rápida, e com inúmeros e sofisticados efeitos visuais. E, é, precisamente, no início do século XXI que a revista “*Sábado*” chega ao mercado português.

2.1.2. Sábado, durante a semana!

A revista “*Sábado*” foi fundada em 2004 e tem periodicidade semanal. O seu primeiro diretor foi o jornalista *João Govern*, que desde o início procurou criar uma revista de notícias (news magazine).

Ao longo da sua existência passou por alguns redesigns, ao nível do logótipo, e, em particular, no que diz respeito ao suplemento “*GPS*”, que vem com a revista. Mas, de forma mais ou menos discreta a “*Sábado*” tem vindo a metamorfosear-se, lembrando o grande inseto da METAMORFOSE de *Franz Kafka* (escritor de língua alemã, autor de romances e contos).

O primeiro redesign foi realizado logo após as primeiras edições da revista e foi desenvolvido por *Carlos Duran* do Grupo *Cyan*. O seguinte, foi quando a revista comemorou os 10 anos de existência, em 2014, e foi também desenvolvido pelo mesmo designer, desta vez já sob a direção de *Rui Hortelão*.

2.1.3. Análise da revista

A revista “*Sábado*” tem as seguintes dimensões: 20,5cm x 27,5cm. É um pouco menor que uma folha A4, isto é, é mais pequena na altura 2,2 cm e na largura 0,5 mm como se pode ver na figura 9.

Tem a proporção certa para se folhear e transportar de forma confortável.

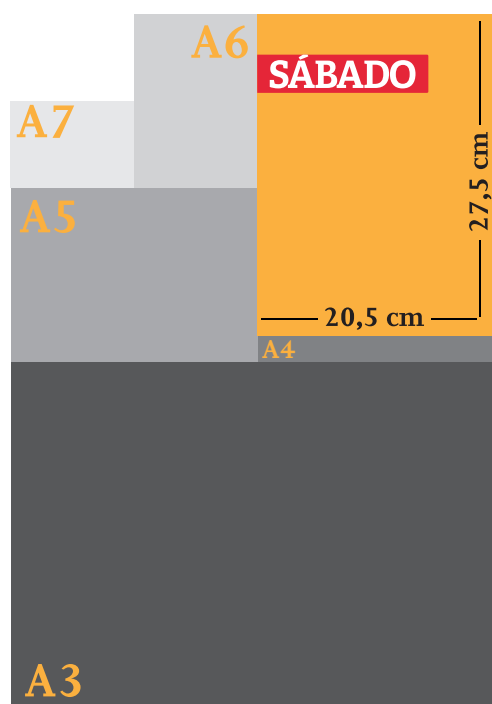


Fig. 9
(criado por David
Miranda)

2.1.4. Impacto das capas no leitor

A capa é talvez o elemento mais importante de uma revista, pois é aquele que permite ao leitor, formular o seu primeiro juízo de valor sobre o conteúdo da revista. Como os periódicos se vendem em quiosques ou lojas de revistas, onde as publicações estão postas umas junto às outras, é necessário optar sempre por capas que se destaquem dos periódicos da concorrência. Esta afirmação lembra-me uma frase que vi outrora: “*Não julgue um livro pela capa, o designer pode ser melhor que o escritor*”. (autor desconhecido)

A capa da “*Sábado*” é o “reflexo resumido” de um dos conteúdos internos específicos da edição do momento, conteúdo esse que corresponde à secção “destaque”, (tema manchete). Também contém a marca gráfica (logótipo) e dois a três subtemas de menor importância, isto é, secundários.

Como se pode ver pelas figuras 10 e 11, a “*Sábado*” opta por apresentar capas que, do ponto de vista visual, sejam diferentes umas das outras. Dentro das mais figurativas, aparecem geralmente, fotografias de rosto ou corpo inteiro de celebridades ou pessoas de referência no momento.



Fig. 10
(capa da edição 15,
Sábado)



Fig. 11
(capa da edição 754,
Sábado)

VIDE PAPEL

2

Opta-se também por produzir capas conceptuais, que, regra geral, têm um grande impacto aos leitores pois são feitas mais à base de tipografia, ilustrações, ou até mesmo recortes e colagens. (Fig. 12 e 13)



Fig. 12
(capa da edição 148, *Sábado*)

Existem ainda, as chamadas capas tipográficas, que apesar de não serem muito frequentes, produzem também um grande impacto. Os “jogos tipográficos” quando bem usados e trabalhados, produzem muitas vezes mais impacto do que uma imagem, e a “*Sábado*” sabe usar bem a tipografia nestes “jogos” para realçar um assunto do momento. (Fig. 14 e 15)



Fig. 14
(capa da edição 366, *Sábado*)



Fig. 13
(capa da edição 384, *Sábado*)

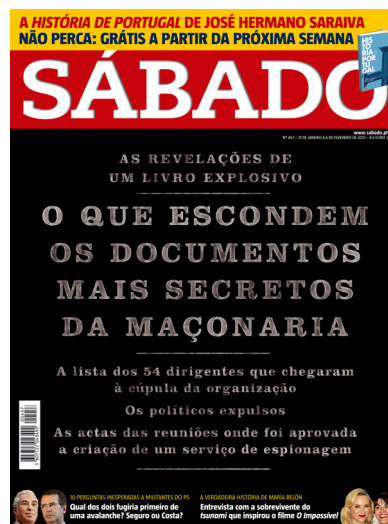


Fig. 15
(capa da edição 457, *Sábado*)

2.1.5. Logótipo “Sábado”

O logótipo da “Sábado”, passou ao longo dos tempos por diferentes reconfigurações visuais. Porém, as alterações têm sido ligeiras, como se pode ver pela cor e o tipo de letra, que variam de forma discreta, uma vez que a cor continua a ser o vermelho, – apesar de mais clara agora –, e a fonte varia de forma discreta sem grandes excentricidades.



Fig. 16
(logótipo antigo, Sábado)



Fig. 17
(Logótipo recente, Sábado)



Fig. 18
(capa da edição 10, *Sábado*)



Fig. 19
(capa da edição 246, *Sábado*)



Fig. 20
(capa da edição 750, *Sábado*)

Nas primeiras edições o logótipo é utilizado em tamanho grande, por forma a destacar o nome da revista, com o acento no “À” a preto. Era ainda alinhado à direita, como se pode ver na figura 18, capa da edição 10.

Pouco tempo depois o logótipo sofre uma pequena alteração. O pequeno acento no “Á”, passa a estar a branco e é colocado de forma convencional. É acrescentado também um pequeno sombreado nas letras para realçar mais a capa, como se pode ver na figura 19, capa da edição 246.

Nas últimas edições, o logótipo perdeu “importância”, uma vez

que o seu tamanho foi reduzido. É agora alinhado à esquerda e perde também o sombreado sendo dada mais importância ao conteúdo e à informação que a revista oferece, como se pode ver na figura 20, capa da edição 750. Tal estratégia só foi possível porque a revista está agora consolidada no mercado.

2.1.6. Miolo

No que diz respeito ao conteúdo da “*Sábado*”, esta apresenta diversas secções, como por exemplo: a *Semana*, que aborda notícias nacionais e internacionais, artigos de opinião escritos pelos diretores da revista; o *Destaque* que corresponde à notícia de momento; O *Portugal*, que contém informações sobre o país, nomeadamente sobre justiça, orçamentos entre outros; a secção *Sociedade*, que engloba informações de história, ciência, e sociais; o *Desporto*, que contém informações sobre jogos e pontuações; e, por fim, o suplemento, “*GPS*” que engloba temas como cinema, livros, música, séries, teatro, exposições, carros e viagens (anteriormente este suplemento não estava agrafado à revista, era vendido separadamente).(Fig. 21)



Fig. 21
(uma das capas da secção “GPS”)



Fig. 22
(Eanes em destaque na primeira capa do CM, 1979)

2. Jornal o que é?

Depois de refletir sobre a revista “*Sábado*”, fala-se agora sobre outro tipo de publicação – o jornal.

O Jornal é um relatório com notícias de “última hora”, que são apresentadas de forma clara e objectiva. Difere da revista, na medida em que esta última se concentra mais em temas específicos de atualidade, não propriamente apenas a manchete de última hora. O que faz do jornal a principal fonte de informação diária procurada pelos leitores, porque abordam a atualidade nacional e internacional de momento.

A maioria dos jornais são diários, reportando sempre o que acontece a cada momento, mas também os existem semanais e até mensais.

O mundo não pára, pelo que há notícias constantemente a acontecerem, pelo que milhares de jornais são produzidos todos os dias, onde os jornalistas escrevem as suas histórias, os fotógrafos capturam os seus eventos e os designers gráficos produzem as suas infografias e ilustrações.



Fig. 23
(Benfica europeu dá alegria aos adeptos, 1981 “*Correio da manhã*”)

2.1 “Vestindo” o jornal Correio da Manhã

2.1.1. História do Correio da manhã (CM)

O “*Correio da Manhã*” foi criado em 1979, e a sua primeira edição entrou nas bancas portuguesas a 19/03/1979. Foi criado por um pequeno núcleo de jornalistas e comerciais e na altura tinha como líder Vítor Direito. Este jornal era uma novidade na imprensa portuguesa, uma vez que trazia temas do quotidiano tratadas com objetividade, e o facto de ser publicado ao Domingo, o que os outros jornais não faziam, contribuiu também para a implantação do novo título.

As figuras 22, 23 e 24 mostram algumas das primeiras capas do CM.



Fig. 24
(O mundo além-fronteiras em destaque, 1990 “*Correio da manhã*”)

2.1.2. Análise do Correio da Manhã - Dimensão

O Jornal “*Correio da Manhã*” tem uma dimensão de 35 cm x 27,3 cm (fechado) comparando a uma folha A3 (42 x 29,7 cm) é mais pequeno 7 cm na altura, (considerando a altura os 35 cm) e 2,4 cm na largura (considerando a largura os 27,3 cm)

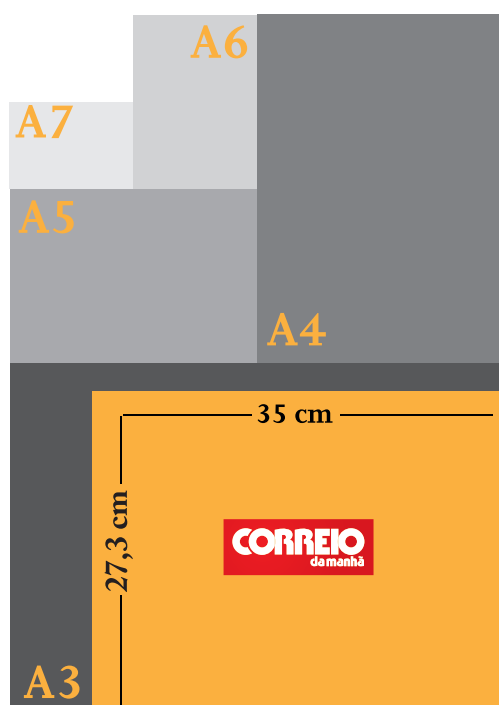


Fig. 25
(criado por David Miranda)

2.1.3. Impacto das Capas no leitor

As capas do “*Correio da Manhã*” contêm vários temas: o tema manchete, o mais importante, que é sempre apresentado com letras grandes em “caixa-alta”, ou seja, maiúsculas, umas vezes a preto e vermelho, outras vezes só a preto, e os vários subtemas, que são mostrados, ou com imagens recortadas (recortes) ou apenas com palavras, como se pode ver pelas imagens seguintes.

Muitas das notícias são propositadamente chocantes, pela força impressa à palavra escrita associada à imagem sensacionalista, cujo objectivo é fazer o leitor olhar duas vezes e muitas



Fig. 26
(capa 23/08/2018,
"Correio da manhã")

vezes ter interesse em comprar, o que constitui uma técnica perfeita de marketing. As capas do "Correio da Manhã" são muito chamativas, em virtude da escala das parangonas, das cores das mesmas, das imagens dominantes, e do sentido

poderoso conferido às palavras, que indicam o tema manchete, como se pode ver pela figura 26 com o título: "SIC rouba Cristina à TVI" ou na figura 27 onde um padre fotografado em cuecas por uma rapariga se exprime dizendo "Era uma serpente venenosa".

Diria, no entanto que, muitas vezes o "segredo da atenção das capas" não está no tipo de letra nem nas cores mas sim na imagem, como se pode ver pela figura 28, onde um cavalo é apanhado por um touro, mostrando a imagem toda a violência associada à situação. Esta capa, que, como referido, mostra um cavalo que tropeçou e acabou por ser apanhado por um touro durante uma tourada em Coruche, e que teve de ser abatido, foi considerada polémica, pois chocou até os menos sensíveis, independentemente de se gostar ou não de touradas.



Fig. 27
(capa 19/06/2019,
"Correio da manhã")



Fig. 28
(capa 8/07/2019,
"Correio da manhã")

VIDEAS PAPEL

2

Outro exemplo de sensacionalismo é a manchete “Sexo no INEM chega a tribunal” (fig. 29), uma vez que o leitor começa logo a pensar: “onde será que aconteceu, dentro de uma ambulância ou noutra veículo qualquer do INEM”. O, que por seu turno, faz, muitas vezes, com que a notícia seja mal interpretada, uma vez que só em letra pequenas ao lado da noticia é dito que se tratava de um vídeo que foi partilhado dentro do INEM, e não o que todos pensam que realmente aconteceu...

De qualquer das formas, as capas do jornal “*Correio da Manhã*” primam pela estilização e realce do conteúdo das notícias.



Fig. 29
(capa 3/07/2019,
“*Correio da manhã*”)

2.1.4. Logótipo CM

Desde a sua criação, o jornal “*Correio da Manhã*” não teve grandes alterações ao nível do seu logótipo. Este manteve sempre as letras em “caixa-baixa” e sobre um fundo rectangular de cor vermelha, uma cor “quente”, por excelência, que combina bem com o jornal, uma vez que as notícias muitas vezes são dadas em “primeira mão”. (Fig. 30)

Nas primeiras edições, o logótipo não tinha uma posição certa, podia ser alinhado à esquerda ou à direita, em cima ou em baixo (Fig. 31), pelo menos até há alguns anos. Depois disso o logótipo assumiu uma posição estável e até hoje não teve alterações, mantendo-se na parte superior e centrado na primeira página do jornal. (Fig. 32)



Fig. 30
(Logótipo, “*Correio da manhã*”)



Fig. 31
(capa 1994,
“*Correio da manhã*”)



Fig. 32
(capa 22/08/2019,
“*Correio da manhã*”)

VIDE PAPEL

2

2.1.5. Miolo

O Jornal “*Correio da Manhã*”, está estruturado da seguinte forma: a capa, que é constituída pelo tema manchete e as respectivas sub-temáticas; a secção “*Atualidade*” onde são abordados assuntos de última hora e com impacto no momento; a notícia “destaque”; a secção “*NORTE*”, com duas páginas que abordam notícias apenas sobre o Norte do país; a secção “*Algarve*” com notícias exclusivas sobre o Algarve; a secção “*Portugal*” onde são apresentadas notícias de âmbito nacional; a secção “*leitores*”, que é onde leitores mandam para o *CM*, por exemplo, cartas de reclamação; a secção “*Sociedade*” que aborda temáticas relacionadas com escolas, hospitais, na realidade, notícias sobre ordem pública; a secção “*Ambiente*” que fala, por exemplo, de obras, novos parques etc...; a secção “*Bolsa*”, que aborda temáticas sobre bolsa de valores; a secção “*Economia*”, acerca da economia do país; a secção “*Especial*”, com assuntos importantes analisados em profundidade; a secção “*Política*” que fala, como o nome indica, sobre política; a secção “*Mundo*” que aborda notícias internacionais; a secção “*Desporto*”, que fala sobre tudo o que engloba desporto; a secção “*Cartazes e Espetáculos*” que informa acerca de cinema e peças de teatros, e que ocupa quatro folhas do jornal, uma direcionada para o Norte, outra para Braga, e as outras direcionadas para os contextos nacional e Algarve; a secção “*Serviços*”, onde é divulgada a lista de farmácias, a meteorologia do dia, e do dia seguinte, o horóscopo da *Maya*; a secção “*Cultura e espetáculos*”; a secção “*Televisão e media*”, onde são apresentadas as notícias que saem na televisão; a secção “*Programação*” que mostra a lista dos programas dos canais de televisão nomeadamente “*RTP*”, “*SIC*”, “*TVI*” e “*CMTV*”, as horas das novelas, programas de TV etc...; a secção “*A Fechar*”, onde é mostrado um cartoon, uma crónica de humor, o obituário entre outros; e, por fim, a “*Última*” onde são divulgada notícias de última hora, os números de Totoloto, e outros.



Fig. 33
(capa 5/08/2019,
“*Correio da manhã*”)

3. Revista vs Jornal

Sábado vs Correio da manhã

3.1. Revista

Na “*Sábado*”, uma vez que é semanal, existe tempo para se fazer várias coisas, como perder algum tempo a criar páginas ou fazer pequenas montagens de recortes de fotografia ou até mesmo pequenas infografias, porém, admitamos, algo mais pormenorizado e que demore mais tempo são os infografistas ou os editores de imagem que fazem. Na revista os jornalistas, para além de escreverem os artigos, solicitam fotografias aos fotógrafos que depois são enviadas para a paginação, para os paginadores ilustrarem os artigos com elas, isto é, as colocarem na edição corrente. Se as fotografias forem muito más e vierem com uma resolução muito baixa ou não se identificaram sequer ou mesmo se o paginadores não se identificarem com eles, pode-se pedir ao editor novas fotografias, uma vez que existe tempo para tal, porque a revista é semanal. Também existe tempo para discutir o design das páginas e produzir várias maquetes, e afinar pormenores de texto, pois “Deus está nos detalhes”.

Uma das desvantagens, é que, muitas vezes, existem “tempos mortos”, principalmente quando se espera que os jornalistas enviem os textos para os paginadores poderem começarem a maquetar as páginas.

O modo de trabalho é “sem pressão”, à exceção do dia de fecho da revista. Mas, os restantes dias costumam ser calmos, pois se não se acabar algo hoje é possível fazer no dia seguinte, antes do fecho. Existe mesmo tempo para ir “arejar as ideias”, isto é, para nos ausentarmos por breves momentos às vezes horas, quer seja para ir almoçar ou mesmo resolver situações pessoais.

3.2. Jornal

O “*Correio da Manhã*” é um jornal diário, que vai para as bancas de segunda a domingo. Uma vez que sai todos os dias, trabalha-se sistematicamente em contrarrelógio. Digamos que o tempo está sempre contado para tudo. Como tal, não existe tempo para tratamento de imagens por parte dos paginadores, à exceção, para o tratamento de texto, mas apenas para se retirar os “dentes de cão/cavalo”.

Tudo o que sejam infografias e tratamento de imagens tem de ser feito pelos editores dos respectivos departamentos. Por sua vez, os jornalistas pedem as fotografias aos editores de fotografia, e estes escolhem e enviam para os paginadores. A “chefia” também pode escolher e sugerir alguma fotografia, em situações muito específicas e caso queiram mesmo que uma certa fotografia conste na edição.

Nem sempre as fotografias, no entanto, combinam bem com a publicação em questão. Nessas situações os paginadores podem questionar se existem mais fotografias. Uma vez tal é possível, porque existem fotografias alternativas, outras não. Nas situa-

ções em que tal não é possível, segue a única fotografia que existe, que é a que vai para os paginadores, que geralmente ficam indignados ao verem que a fotografia não tem qualidade.

No jornal não existem “tempos mortos”, muitas vezes o fecho é feito depois do horário de saída dos trabalhadores, principalmente quando há jogos de futebol. O dia a dia é stressante, e a margem para erros de escrita, ou acertos de colunas de texto ou imagens é nula, uma vez que nunca há tempo para rever estes pormenores.

Acontece muitas vezes fecharmos o jornal a horas, e de repente entrar um “ALERTA CM”, uma notícia de última hora, que obriga a mudar os temas da capa do jornal e a colocar o respectivo artigo. Tal, não acontece muito frequentemente, mas existem situações em que sim. Enquanto estive a traba-



Fig. 34
(capa 22/08/2019,
“*Correio da manhã*”)

3.3. Formato e transporte

As revistas tendem a ser mais pequenas do que os jornais, no caso da “*Sábado*”, como já foi referido, esta tem uma dimensão de 20,5 x 27,5 cm (fechada). Uma vez que não têm grandes dimensões é comum as revistas serem passíveis de ser dobradas para caber “debaixo do braço”, sendo transportadas na maior parte dos casos à mão ou dentro de alguma mala enroladas como “um cilindro”.

O jornal “*Correio da Manhã*” tem uma dimensão de 27,3 x 35 cm (fechado), sendo, portanto, tal como mencionado anteriormente, maior do que a revista em foco. Os jornais, uma vez que são maiores do que as revistas, são transportados de outra forma, nomeadamente dobrados e colocados “debaixo do braço”.

3.4. Assuntos

A revista aborda assuntos que abrangem um período semanal, e o seu conteúdo baseia-se no gosto dos leitores de diversas esferas sociais. Existem revistas de moda, carros, notícias, vida animal, e de muitos outros temas do quotidiano.

Os jornais abordam assuntos de última hora, nacionais e internacionais, na sua maioria sobre mortes, violações, drogas, acontecimentos da sociedade e política.

3.5. Tempo

Uma revista costuma ser mais sofisticada e utilizar uma linguagem mais “colorida” do que um jornal. O objectivo destas estratégias utilizadas na construção deste tipo de periódicos é permitir uma leitura e visibilidade mais agradável.

As revistas, por norma, são semanais ou mensais, pelo que existe tempo para pensar no seu design, na colocação das fotografias, das infografias e das ilustrações, que se repartem habitualmente por um número de páginas superiores às dos jornais.

A forma como o conteúdo da revista é tratado, é feita com tempo, permitindo criar páginas sofisticadas, com jogos de imagens e de texto, uma vez que é o das mesmas, pois o artigo é o que já está escrito.

Na paginação dos jornais diários não se tem tanto cuidado no design, uma vez que são concebidos sobre pressão, utilizando para compensar uma linguagem mais agressiva, chocante mesmo, para quem lê. Para além de que, muitas vezes a grande mancha de texto torna-se cansativa de ler, mas existe apenas um dia para fechar o jornal, que inclui fotografias, infografias e ilustrações, apesar do número de páginas ser inferior ao das revistas.

Relativamente à forma como se distribui o conteúdo ao longo do jornal, é importante salientar que a maioria das páginas já estão pré-definidas, isto é, existe um template, pelo que é só necessário copiar das bases para a pasta da edição do dia.

Digamos que, não se perde tempo na maquetagem, apenas se procede a pequenos ajustes nas colunas de texto, até porque a troca de imagens e notícias é constante, por exemplo, a manchete pode ser alterada, uma vez que apareceu uma notícia com maior impacto.

3.6. Capas

Revistas como a “*Sábado*”, regra geral, exibem capas simples, com imagens fotográficas (às vezes, criadas por meio de recortes e fotomontagens) ou apenas elementos tipográficos, e a informação que contêm é pouca.

O Jornal “*Correio da Manhã*”, pelo contrário, apresenta capas com imensas informações, chocantes, e repletas de títulos, subtítulos e imagens, e vive muito dos recortes fotográficos.

3.7. Validade

Revista

Uma revista é um objecto de papel com maior durabilidade, no sentido em que se pode ler várias vezes, uma vez que são semanais, mensais, entre outros. Geralmente têm um número de páginas maiores que os jornais e podem ir sendo consumidas mais lentamente.

Jornal

Uma vez que a maioria dos jornais são diários, o seu tempo útil de vida é extremamente restrito, uma vez que no dia seguinte já existe outra edição com notícias diferentes. Em virtude de tal facto o jornal do dia anterior torna-se obsoleto, mas é dessa particularidade que estes sobrevivem.

O slogan do canal televisivo do “*Correio da manhã*” “*CMTV dá primeiro*”, é um exemplo demonstrativo disso mesmo, do facto de estarem sempre a chegar novas notícias.

3.8. Público Alvo

A revista é mais dirigida para um público particular do que o jornal. Existem revistas infantis, direcionadas para crianças e adolescentes, revistas dirigidas a adultos do sexo masculino, que abordam temáticas como carros, caça etc., outras são mais dirigidas para o sexo feminino, e, abordam temas como moda, etc...

O jornal é mais dirigido para o público em geral, não aprofundando nenhum tema em específico, mas cheio de informação acerca de notícias diversas.

3.9. Design e layout

Nas revistas dá-se uma extrema importância à expressão visual, porque muitas delas não estão presas a um único *layout*, e usam muito a imagem e diferentes tipos de cores para cativar o “olhar do público”.

Os jornais têm um *layout* mais simples e que, na maioria das vezes, já está pré-definido. Tal, funciona desta forma para que diariamente não seja necessário paginar os artigos de raiz, uma vez que o tempo é curto. Embora, admitamos existirem jornais tão coloridos como as revistas, pois parecem aproveitar mais as fontes tipográficas para chamarem a atenção, por exemplo, através da utilização de títulos com tamanhos grandes a “*bold*”.

3.10. Preço

O preço das revistas tende a oferecer oscilações ligeiras ou a não ter oscilações, enquanto o dos jornais, dependendo se têm suplementos ou não, tende a variar de forma mais acentuada. A “*Sábado*” tem um custo de 3,5€ (três euros e meio), enquanto o “*Correio da Manhã*”, de Segunda-feira a Quinta-feira tem

um custo de 1,10 € (um euro e dez cêntimos), à Sexta-feira de 1,50 € (um euro e cinquenta cêntimos) e aos Sábados e Domingos de 1,70 € (um euro e setenta cêntimos).

O preço varia de acordo com o número de suplementos, e como ao fim-de-semana existe tempo para ler o jornal mais calmamente, também o número de suplementos aumenta.

3.11. A importância da fotografia nas revistas e jornais

“Foi o inventor francês *Joseph Nicéphore Niépce*, quem usou, na sua propriedade em *Le Gras*, pela primeira vez, uma câmara obscura para gravar uma imagem permanente numa placa de estanho revestida com produtos químicos. Ele chamou à sua técnica “heliografia”, que significa “desenho do sol” (*History of photography*). A exposição a preto e branco levava bastante tempo e desaparecia significativamente, mas essa imagem ainda hoje em dia é visível. (Fig.37)



Fig. 37
(primeira fotografia, tirada por Nicéphore Niépce)

VIDEAS PAPEL

3

Em 1861, foi tirada a primeira fotografia a cores pelo físico escocês *James Clerk Maxwell* que cria uma imagem colorida sobrepondo numa única tela três imagens em preto e branco, cada uma passando por três filtros – vermelho, verde e azul.

– *History of photography*

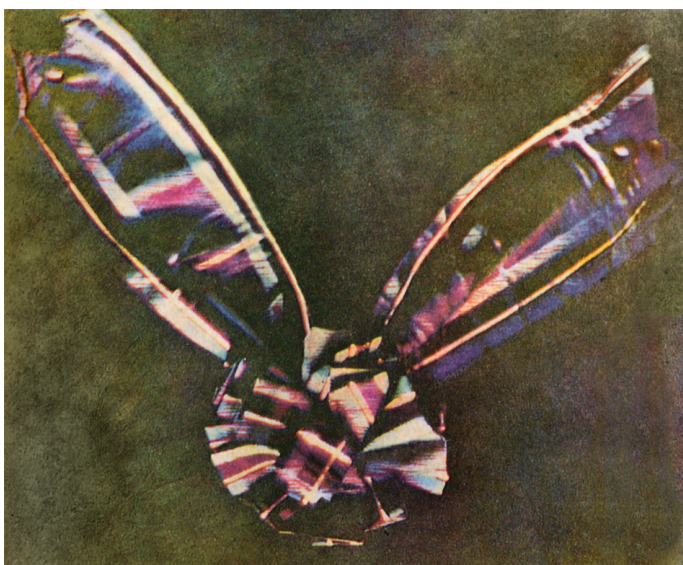


Fig. 38
(foto tirada por James
Clerk Maxwell)

A fotografia ao longo dos tempos foi evoluindo, acabando por se tornar um elemento indispensável em qualquer publicação, quer se trate de revista quer de jornal. Como se costuma dizer: “uma imagem vale mais do que mil palavras”, uma vez que a fotografia comunica o que muitas vezes as palavras e letras não conseguem.

Sem a fotografia seria impossível à imprensa comunicar com o leitor com a clareza e objectividade que consegue.

Segundo *Rick Double*: “a palavra fotografia significa “*light writing*”, ou seja, escrever com luz, (foto = a luz, grafia = escrita)”. A descoberta da câmara pode ter começado à milhares de anos, como o testemunha uma lenda, na qual nómadas do deserto atestam ter visto cenas que se passavam fora das suas tendas, projetadas de cabeça para baixo na parede traseira dessa mesma tenda, quando um pequeno buraco em sua tenda escura deixou entrar luz durante o dia. Este fenómeno

era também conhecido dos antigos gregos, como, por exemplo, *Aristóteles*. Para *Steve Mccurry*, o fotógrafo conhecido por fotografar a “*menina afegã*” uma imagem que apareceu na capa da revista da *National Geographic* em 1985, e que é hoje uma das mais emblemáticas fotografias conhecida em todo o mundo: “*A fotografia é um meio inegavelmente poderoso. Livre das restrições da linguagem e aproveitando as qualidades únicas de um único momento congelado no tempo*”.



Fig. 39
(“a menina afegã”,
de *Steve Mccurry*)

As fotografias utilizadas na revista “*Sábado*” e no jornal “*Correio da Manhã*”, estão a cargo de alguns fotógrafos que pertencem à empresa, mas também vêm de agências noticiosas internacionais como a REUTERS, a EPA e a LUSA.

Na “*Sábado*” os jornalistas solicitam aos fotógrafos as fotografias, e os editores de foto trabalham essas mesmas fotografias, os paginadores caso não gostem de alguma por algum motivo plausível podem sempre pesquisar outras e mandarem para o departamento de Tratamento de Imagem e lá os edi-

VIDAS PAPEL

3

tores trabalharem essas novas fotografias escolhidas.

As imagens podem assumir diferentes formatos, ser quadradas, retangulares estar apresentadas na inclinação paisagem ou retrato, e, em alguns casos, ser redondas ou ligeiramente inclinadas, tudo conseguido através de um imaculado corta e cola.

A variação da tonalidade original da fotografia é outra estratégia que se utiliza. Em algumas capas da “*Sábado*” foram utilizadas imagens na tonalidade “sépia” para ilustrar artigos, histórias e notícias antigas, que continham, algumas delas, “segredos por revelar”. (Fig. 40, 41 e 42)



Fig. 40
(capa da edição 377, *Sábado*)



Fig. 41
(capa da edição 623, *Sábado*)

Também no jornal a fotografia é importante, pois não só complementa a informação como também ocupa uma percentagem de espaço considerável, que, de outra maneira, seria apenas preenchido pelo texto corrido, que, utilizado isoladamente, poderia fazer o leitor perder a vontade de ler.

O objectivo da fotografia é tornar os artigos menos “maçudos” e mais interativos, estabelecendo, da melhor forma possível, um diálogo com o leitor.



Fig. 42
(capa da edição 666, *Sábado*)

No jornal “*Correio da Manhã*”, não são os paginadores que escolhem as fotografias, mas sim o departamento de fotografia, que nem sempre faz as escolhas mais acertadas. Já aconteceu, por exemplo, situações em que as fotografias não combinavam minimamente com a publicação ou mesmo com os artigos.

De referir, será ainda o facto das imagens terem obrigatoriamente de ser retangulares ao alto ou ao abaixo, não existindo mais “espaço de manobra” ou capacidade para intervir mais criativamente.

Todas as fotografias são editadas no “*Photoshop*”, pelo Departamento de Tratamento de Imagem, que tem como função ajustar cromaticamente e em termos de luminosidade, redimensionar para as medidas corretas, fazer os recortes, aclarar e escurecer e converter em *CMYK*², as imagens, ou seja, preparar as imagens para a impressão.

As capas do “*Correio da Manhã*”, têm sempre uma lógica, apresentando o tema principal de forma atrativa, quer seja através do uso da imagem, quer seja da tipografia. Estas capas são ainda constituídas por vários subtemas, mas não é como na Sábado, onde se pode usar um leque diversificado de imagens coloridas com figuras humanas, paisagens, ou até elementos de “natureza morta”. As capas do “*Correio da Manhã*” são sempre mais da “mesma coleção” –, não variam de estilo –, ou imagens de pessoas em situações de calamidade, ou apenas tipográficas.

² é um sistema de cores utilizada na indústria gráfica, cuja sigla é formada pelas cores C (Cyan), M (Magenta), Y (Amarelo) e K (preto)

3.12. A importância das ilustrações nas revistas e jornais

Uma ilustração, é, no fundo, uma “imagem desenhada”, feita por meio de desenhos, pinturas ou colagens. A ilustração é utilizada, muitas vezes, para reforçar o sentido e ajudar à interpretação de textos. Ter um texto acompanhado por uma ilustração, isto é, algo visual que ilustra com precisão ajuda à interpretação de temas diversos, nomeadamente dos que têm a ver com a sociedade. Por isso, é muito comum a ilustração ser utilizada em jornais, revistas e livros, em particular, na literatura infantil.

Uma ilustração é também uma fotografia, mas “feita à mão” e não através de uma câmara.

As revistas vivem de muitas imagens, e para que exista mais interação e elementos diferenciadores para que o leitor não se canse, muitas vezes as fotografias tradicionais são substituídas por infografias e ilustrações, que contêm caricaturas e cartoons. Na revista “*Sábado*” aparece sempre um cartoon de *Vasco Gargalo* a retratar acontecimentos sociais do momento (Fig. 43, 44 e 45), e, também, uma ilustração na página do obituário da pessoa que faleceu.

Muitas vezes a ilustração pode ser um ponto de partida, funcionando melhor, em certas situações, até do que a fotografia, ou, porque não identifica ninguém ou porque podem ser criadas expressões e feições das pessoas visadas, bem como sugerir irritação durante uma discussão ou mostrar um homicídio no momento do ato.

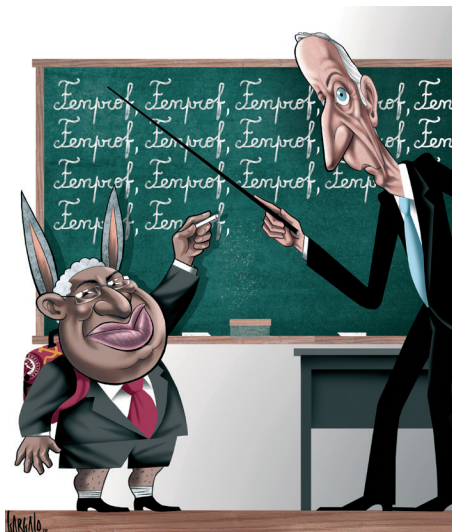


Fig. 43
(cartoon de Vasco Gargalo, *Sábado*)



Fig. 44
(cartoon de Vasco Gargalo, *Sábado*)



Fig. 45
(cartoon de Vasco Gargalo, *Sábado*)

Existem notícias e artigos que não são muitas vezes acompanhados por fotografias, uma vez que não existem captações desses momentos. Para que o leitor possa ver e não apenas imaginar o que o texto diz, faz-se uma ilustração do sucedido. O uso da fotografia é corrente nas revistas e jornais, que aparecem inundadas desta forma de comunicação visual, porém, a ilustração ajuda a acentuar o factor diferenciação e constitui igualmente um estímulo visual, sendo, por isso mesmo, igualmente utilizada.

(Fig. 46, 47 e 48, ilustrações de *Luis Granena* nas páginas do obituário da revista “*Sábado*”)

Fig. 46
“José Arruda”

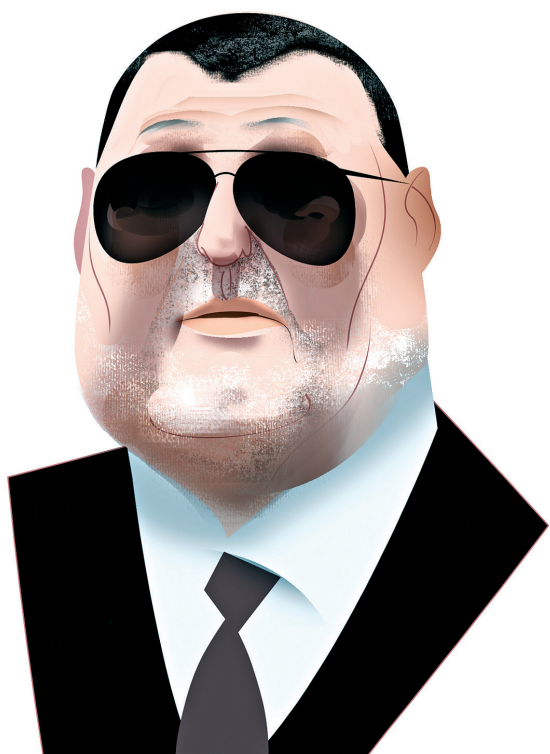


Fig. 47
“Ray Sawyer”



Fig. 48
“Jan Michael Vicent”



Num jornal as ilustrações parecem funcionar de uma outra forma. Falando no caso específico do “*Correio da Manhã*”, as ilustrações são utilizadas para reforçar o sentido de uma notícia escrita, e são geralmente chocantes, substituindo a ausência de imagens reais. Costumam ser utilizadas para retratar “violações”, “Mortes”, “Situações de violência doméstica”, entre outros.

As ilustrações, tal como as fotografias, permitem que o leitor não esteja concentrado apenas na enorme mancha de texto escrita pelos jornalistas, dando um rosto à notícia, que de outra forma provavelmente seria “muda”, em sentido figurado”.

As ilustrações de *Ricardo Cabral* (ilustrador do *Correio da manhã*), mostram isso mesmo.

A figura 49 retrata uma situação de violência, a figura 50 retrata uma tentativa de violação e a figura 51 um homicídio.



Fig. 49
(ilustração
de Ricardo Cabral
“*Correio da manhã*”)



Fig. 50
(ilustração
de Ricardo Cabral
“*Correio da manhã*”)



Fig. 51
(ilustração
de Ricardo Cabral
“*Correio da manhã*”)

3.13. A importância das cores nas revistas e jornais



Fig. 52
(capa da edição 353,
Sábado)

As cores são uma presença constante no nosso dia-a-dia.

Para imitar o cotidiano, as revistas enchem-se de cores, com o objetivo de, tal como a natureza, chamar a atenção.

Consoante o público, as revistas variam, no entanto, de cores e de tipos de imagem, sobretudo tratando-se de publicações destinadas a crianças, que primam por utilizar as chamadas cores do arco-íris, enquanto uma revista destinada aos adultos apresenta uma paleta de cores mais sóbria.

A “*Sábado*” costuma optar nas suas capas por utilizar imagens coloridas, isto é, com um espectro alargado de cores, porém, estas podem ser mais ou menos “frias” consoante as imagens e as notícias. Mas, como referido, a paleta de cores é alargada, sendo utilizadas cores como o verde, o azul, o roxo, o vermelho, o amarelo, entre outros.
(Fig. 52 e 53)



Fig. 53
(capa da edição 741,
Sábado)

VIDE PAPEL

3

Já os jornais não costumam utilizar uma grande variedade de cores, para além de que o seu fundo normalmente é branco. No “Correio da Manhã” existem situações em que as cores utilizadas tendem a ser mais quentes ou menos, consoante o que a notícia pede.

Estas cores são utilizadas tanto na tipografia como em caixas em contorno contendo imagens para realçar o tema em questão (Fig. 54, 55 e 56)



Fig. 55
(capa 8/12/2017
“Correio da manhã”)



Fig. 54
(capa 23/06/2019,
“Correio da manhã”)



Fig. 56
(capa 1/07/2019,
“Correio da manhã”)

3.1.4. Audiências e Tiragens

Todos os anos as empresas de comunicação fazem um balanço da média de leitores por dia/semana e sobre quais as tiragens dos seus jornais e das suas revistas.

Foi-me concedido acesso e permissão para mostrar neste trabalho alguns gráficos que mostram as audiências das revistas e jornais mais vendidos em Portugal entre os anos 2010 e 2019 (os gráficos apresentados estão com número de leitores em milhares).

Nos gráficos apresentados em baixo, feitos por um infografista da *Cofina* chamado *Nuno Costa*, é visível que relativamente ao ano 2010-2011 o Jornal “*Correio da Manhã*” está na liderança com uma audiência média de 122 992 e 124 819 respetivamente (Fig. 57)

Já a revista “*Sábado*” tem audiência superior à sua maior concorrente em banca, a revista “*Visão*”, com uma média de 49 612 leitores no ano 2010 e 46 864 leitores no ano 2011. Como se pode ver no gráfico a “*Sábado*” lidera as “*news magazines*” em Portugal.

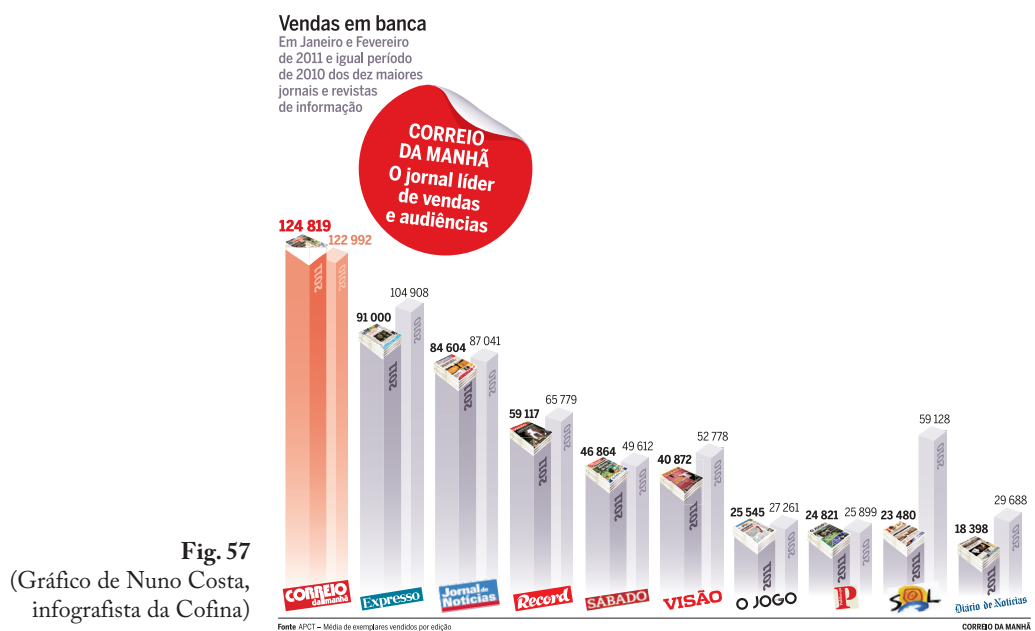


Fig. 57
(Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

VIDE PAPEL

3

No ano 2013-2014 o Jornal “Correio da Manhã” continua na liderança com aproximadamente 150 mil leitores diários, já a revista “Sábado” perdeu as audiências para a revista “Visão”, estando agora com 4,6 no ano 2013 e 4,1 no ano 2014 como mostra o gráfico em baixo. (Fig. 58)



Fig. 58
 (Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

No ano 2017 o Jornal “*Correio da Manhã*” aumentou para 1 010 000 leitores continuando na liderança, já a “*Sábado*” passou para 253 continuando atrás da “*Visão*”. (Fig. 59)

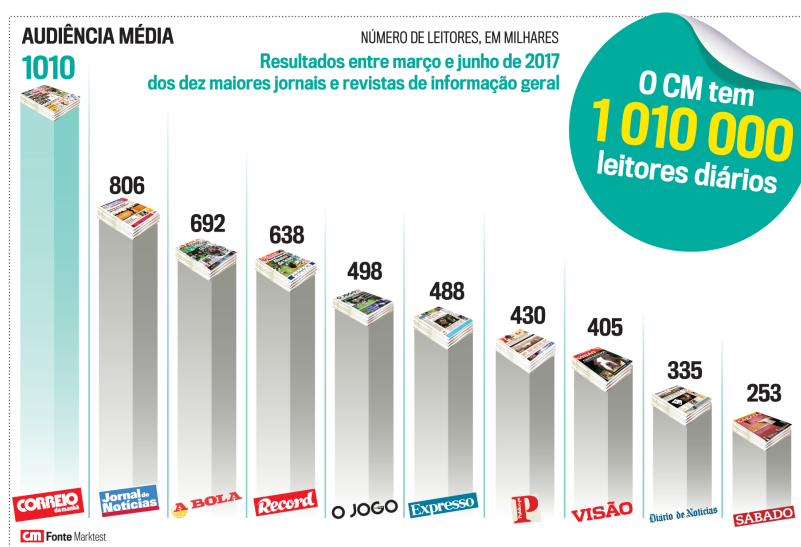


Fig. 59
(Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

No ano 2018 o “*Correio da Manhã*” tem 934 000 leitores, em comparação ao ano 2017, diminui os leitores mas continua na liderança de audiências. A revista “*Sábado*” aumenta para 261 000 leitores mas continua atrás da sua concorrente, a “*Visão*”. (Fig. 60)

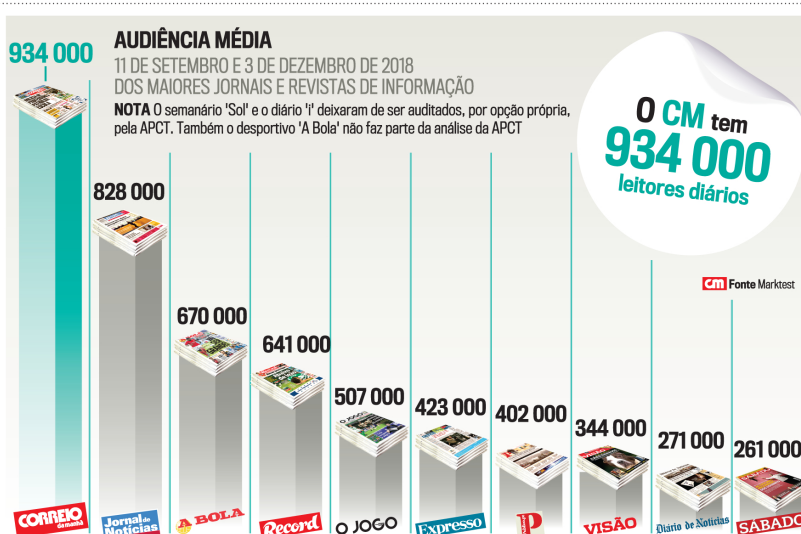


Fig. 60
(Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

VIDAS DE PAPEL

3

No ano 2019 o Jornal “Correio da manhã” continua como líder de audiências e é lido por 915 mil leitores, a “Sábado” por 228 mil como mostra o gráfico em baixo. (Fig. 61)

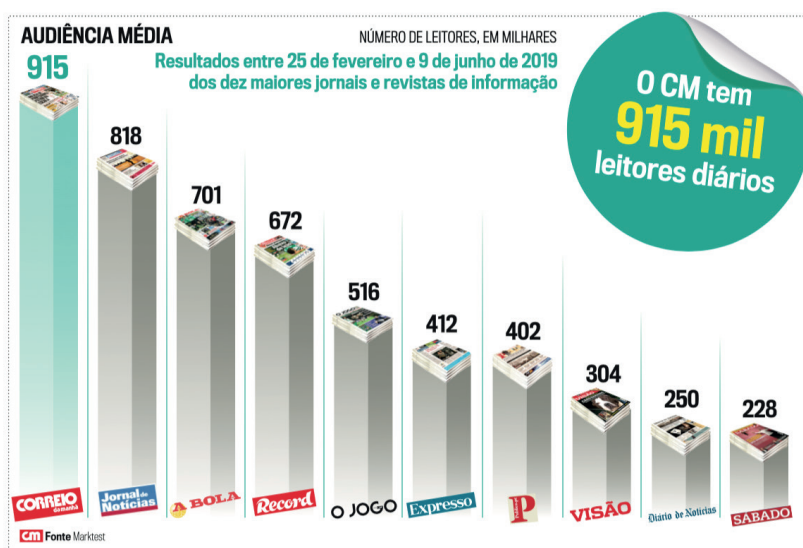


Fig. 61
(Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

Apresento agora os gráficos de vendas em banca dos jornais e revistas no ano 2014 e 2019.

No ano 2014 o Jornal “Correio da Manhã” vendeu 109 017 exemplares, e a “Sábado” vendeu 32 480 exemplares, mais do que a sua concorrente, “Visão”. Ficando assim o Jornal e a revista de notícias no topo de vendas em banca. (Fig. 62)

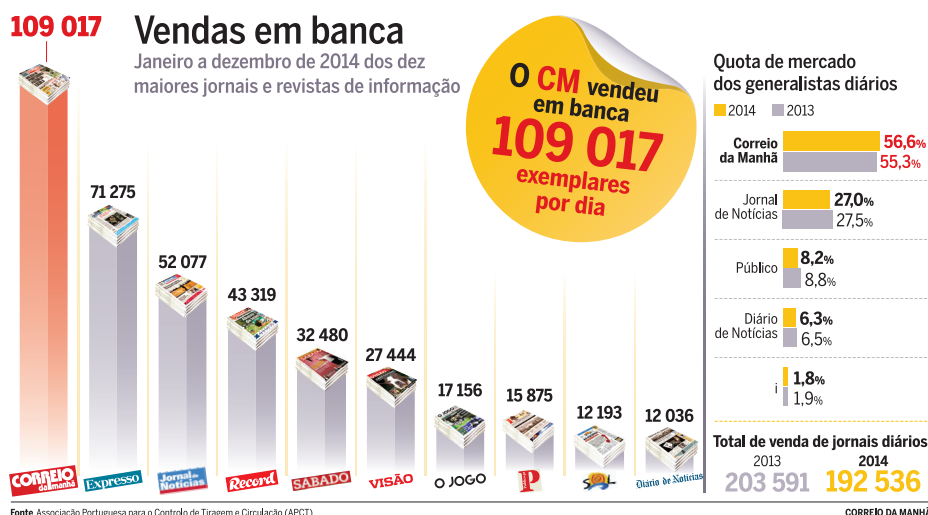


Fig. 62
(Gráfico de Nuno Costa, infografista da Cofina)

Entre Janeiro e Junho de 2019, o Jornal “Correio da Manhã” manteve o título de jornal preferido dos portugueses, continuando a liderar com uma larga vantagem a lista dos jornais e revistas de informação mais vendidos em banca em Portugal.

Segundo os dados divulgados no dia 28 de Agosto de 2019 pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), nos primeiros seis meses do ano o “Correio da Manhã” vendeu uma média de 72 961 exemplares por dia em banca, alcançando uma quota de mercado de 61,8%.

Isto significa que, em cada 100 pessoas que compraram um diário generalista, quase 62 optam por um exemplar do “Correio da Manhã”.

Das revistas, a “Sábado” está como líder nas bancas com uma tiragem de 20 176 exemplares.

Conclui-se, como se pode ver nos gráficos apresentados, que os jornais são mais vendidos e lidos do que as revistas, muitas vezes não só pelos preços, pois as revistas tendem ser mais caras, mas porque a maioria dos leitores gostam de saber acontecimentos de última hora.

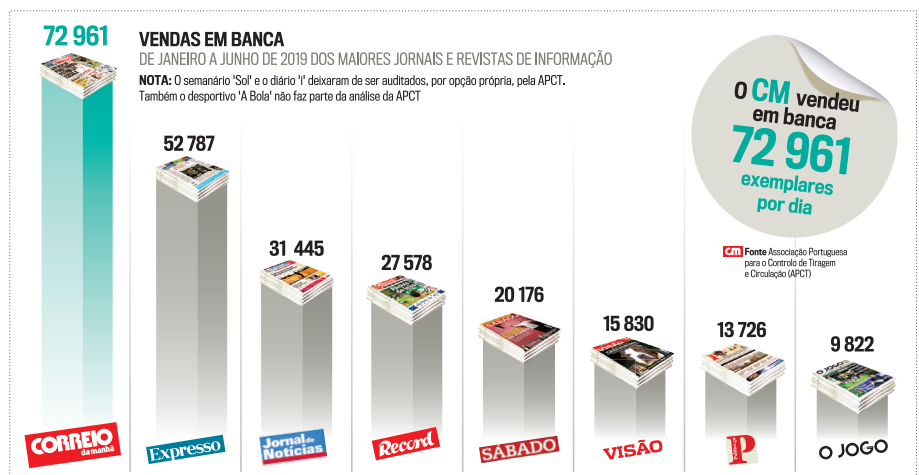


Fig. 63
(Gráfico de Nuno Costa,
infografista da Cofina)

Conclusão

Tanto os jornais como as revistas utilizam as mesmas estratégias visuais para captar público. Porém, existe uma grande linha que separa estes dois tipos de publicações periódicas, pois uma revista é mais específica quanto aos seus conteúdos ao contrário de um jornal que mostra em primeira mão as notícias de última hora tanto nacionais como internacionais.

Uma vez que trabalhei nestes dois ambientes, tive oportunidade de “ver e sentir” o *modus operandi*, isto é, como se vive o dia a dia na empresa “Cofina”. Na revista semanal “Sábado” havia sempre tempo para tudo, desde discutir temas e assuntos até à apresentação final da mesma, obviamente, o que não deixava margem para erros, uma vez que existiam também inúmeros tempos mortos. Existiam, inclusivamente, momentos em que passávamos uma ou duas horas sem nada para fazer porque os jornalistas ainda não tinham escrito os textos nas páginas da revista. Para passar estes “tempos mortos” fazíamos novos *layouts* das páginas e aguardávamos também a chegada da publicidade que, diga-se de passagem mudava muitas vezes de lugar e de escala.

No Jornal “Correio da Manhã”, uma vez que é diário, é totalmente ao contrário, tempos mortos não existem, é sempre tudo a correr, notícias podem entrar à última da hora, que obrigam a reformular algumas páginas, várias vezes temos de ligar para a gráfica para anular uma ou mais páginas porque temos de as redesenhar, isto porque podem ter erros ou porque vai entrar outra notícia de última hora.

O ritmo do dia-a-dia é *aceleradíssimo* e *stressante* principalmente na parte do fecho do jornal, sobretudo nos dias em que existem grandes jogos de futebol, que costumam ser dos mais trabalhosos porque quase sempre os jogos acabam em cima da hora de fecho.

Por outro lado, ao contrário da revista o plano do “Correio da Manhã”, não muda constantemente, é raro, porque uma vez que é diário não há tempo para estar sempre a acrescentar publicidade e novos conteúdos no meio.

Bibliografia

- Análise de Revistas “Sábado”
- Análises de Jornais “Correio da manhã”
- Aynsley, Jeremy “A century of Graphic Design”
- Busch, Robert “Graphic design solutions”
- Doyle, Susan; Grove, Jaleen; Sherman, Whitney “HISTORY OF ILLUSTRATION”, 2018
- Duarte, Andreia “Correio da manhã: A realidade de um jornal diário sencionalista” (Relatório de Estágio), 2014
- Gruszynski, Ana; Damasceno, Patricia; Sanseverino, Gabriela; Bandeira, Ana “Newspaper Design Professional Skills from Print to MultiPlatform”, Agosto 2016
- Heller, Steven “Design Literacy”
- Heller, Steven; Fernandes Teresa “Becoming a graphic designer” (3rd edition)
- Heller, Steven “I heart design”
- Jefferson, Michael “Breaking into Graphic Design”
- Journalism.pdf
- Lamberg, Jasso “Clothing the Paper double-sided” dezembro 2015
- Martins, Vanessa “ O contributo decisivo do fotojornalismo na Imprensa” (Relatório de Estágio)
- McCurry, Steve “Spring Summer Fine Art Print Catalog”, 2016
- Osterman, Mark; Romer, Grant “history and evolution of photography”
- Rick, Doble “History of light and photography”, janeiro 2013
- Sarmento, Ruben “Sábado, Forma e Conteúdo” (Relatório de Estágio)
- Sarraipo, Tom “A importância da fotografia nas revistas de moda” (Relatório de estágio)
- Van de Boel, Anna “future of the newspaper”, Agosto 2011

Webgrafia

- www.google.pt
- <https://www.cmjornal.pt/> – 18 de Agosto, 2019
- <https://www.sabado.pt/> – 13 de fevereiro, 2019
- <https://www.wikipedia.org> – 24 de Agosto, 2019



Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt